MASP ACESSIBILIDADE

CADERNO DE FONTE AMPLIADA

HISTŌRIAS LATINO-AMERICANAS

Textos da exposição em fonte ampliada

Núcleo - Estamos em salsa

Português

MASP MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND

Lei Rouanet

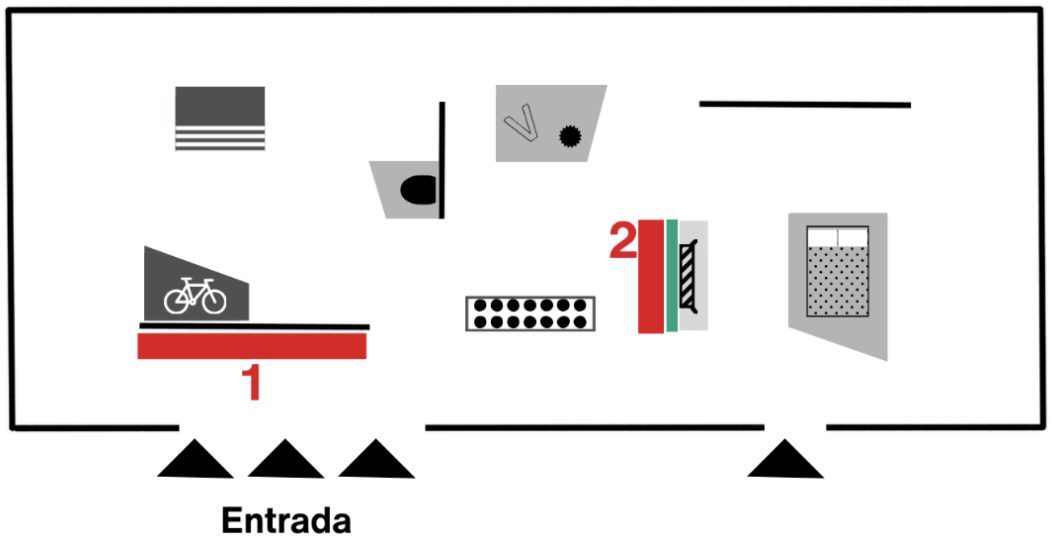
vale+ cultura

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO DO BRASIL DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Este caderno traz os textos da exposição em fonte ampliada para facilitar a leitura.

Mapas simplificados apontam, **em destaque**, onde estão os textos e obras mencionados.



O caderno apresenta os textos longos da exposição na ordem em que aparecem no espaço, além da lista de artistas em ordem alfabética.

SUMÁRIO - GALERIA PIETRO 3

MAPA DO ESPAÇO **4**

TEXTO DE APRESENTAÇÃO **5**

ESTAMOS EM SALSA **11**

1. ENTRE MARGENS **15**

2. Thomas Glassford 18

3. Edgardo Aragón 20

4. Alfredo Jaar 22

5. Teresa Margolles 24

6. Anna Maria Maiolino 25

7. Hiram Maristany 27

8. Regina Silveira 29

9. Damián Ortega 31

1. IMPORT-EXPORT 33

2. Engel Leonardo 36

3. Antonio Caro 38

4. Rivane Neuenschwander 40

5. Anna Bella Geiger 42

6. Ayrson Heráclito 44

7. Maris Bustamante 46

1. TODOS OS RITMOS 50

2. Ana Segovia 53

3. Nao Bustamante 55

4. Guillermo Gómes–Peña,
Adrienne Jenik e Roberto Sifuentes 58
5. María de La Paz Jaramillo 61
6. Raphael Montañez Ortiz 63
7. Rubén Ortiz Torres 66
8. Pepón Osorio 69

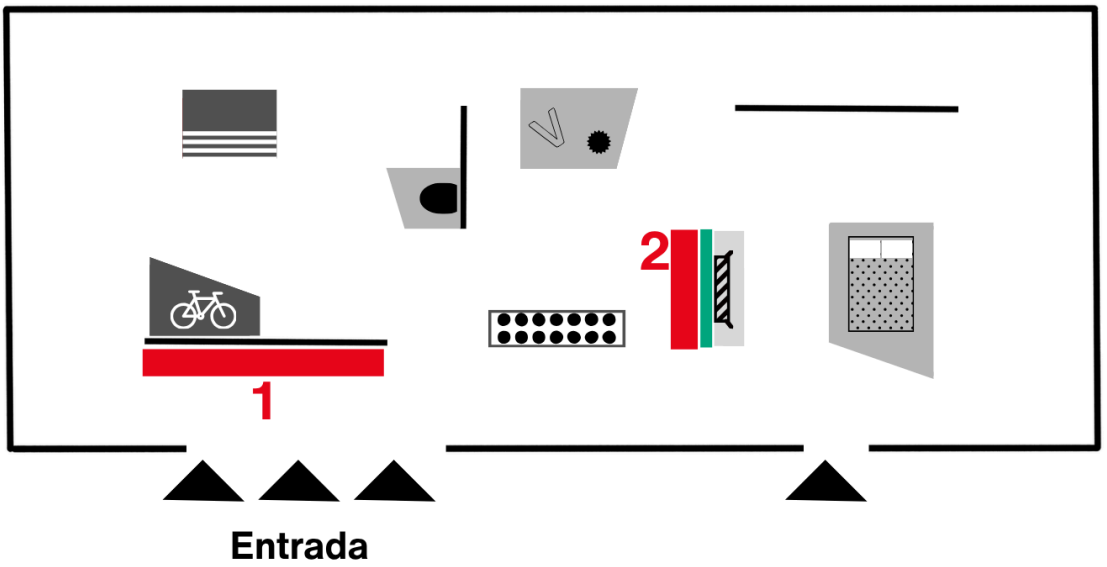
LISTA DE ARTISTAS EM ORDEM ALFABÉTICA 71

Entrada

Parede verde

1 Texto de apresentação

2 Texto Estamos em salsa



Descrição do espaço em áudio e Libras

1. TEXTO DE APRESENTAÇÃO

Histórias latino-americanas

Antes de nomear uma região, uma identidade ou uma comunidade de origem ou de destino, “América Latina” nomeia territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas — uma zona de disputas políticas, culturais e simbólicas marcada por invasões coloniais, movimentos de independência, modernizações autoritárias e lutas indígenas, negras, feministas e ecológicas. Consolidada no século 19, a noção designa o México, a América Central, parte do Caribe e a América do

Sul, onde predominam línguas de origem latina, sobretudo o espanhol e o português. Pensar a América Latina é, portanto, lidar com uma ideia instável. Histórias latino-americanas parte dessa instabilidade: não busca uma síntese totalizante, nem pretende fixar uma definição do que a América Latina significa. A exposição olha para o passado e o presente, perguntando como a região foi e continua sendo inventada, disputada e reinventada. Ocupando os cinco andares expositivos do Edifício Pietro, a mostra reúne 192 obras de 152 artistas, provenientes de 20 países. A seleção abrange a América Latina e suas diásporas,

além de contextos historicamente conectados à região. O conjunto articula obras do acervo do MASP com empréstimos de museus e coleções públicas e privadas do Brasil e do exterior. Em vez de organizar a arte latino-americana por escolas nacionais, movimentos ou sequências cronológicas, a mostra adota uma estrutura temática e produz encontros entre tempos distintos: objetos pré-coloniais convivem com produções contemporâneas, imagens devocionais e religiosas com obras conceituais, documentos e cartografias com pinturas, fotografias e vídeos. A exposição está organizada em cinco núcleos, cada um

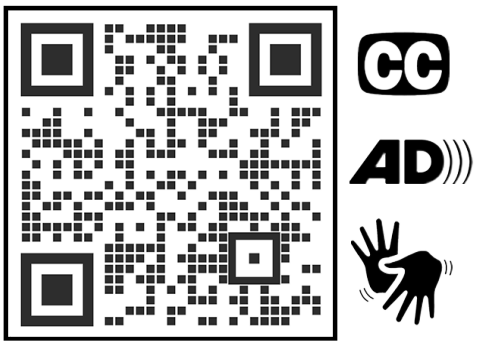
ocupando um dos andares do Edifício Pietro. O mundo ao revés, no 6º andar, examina a invasão europeia das Américas e o papel das imagens na descrição, classificação e administração colonial dos territórios. Retórica do progresso, no 5º andar, trata dos projetos de modernização e industrialização e das promessas de racionalidade que produziram fábricas e cidades planejadas, mas também desigualdades e violências. Sociedades americanas, no 4º andar, volta-se para formas de vida coletiva e imaginação política, retomando tradições pedagógicas e emancipatórias e experiências de organização comunitária. Estamos en

salsa, no 3º andar, percorre as rotas de circulação de sons, mercadorias e imagens, além das migrações e diásporas que transformaram culturas latino-americanas. A queda do céu, no 2º andar, parte do pensamento indígena contemporâneo para refletir sobre o esgotamento das utopias modernas e reúne trabalhos em torno da tecnologia, da ecologia e do sonho diante da devastação produzida pela ideia de progresso. Histórias latino-americanas apresenta a região como um território de conflito e criação, cujas histórias, feitas de fraturas, sobreposições e persistências, continuam a ser produzidas e disputadas no presente.

Histórias latino-americanas é curada por Amanda Carneiro, curadora, e Julieta González, curadora adjunta de arte moderna e contemporânea, com assistência curatorial de Teo Teotonio, assistente curatorial. A exposição integra o ano dedicado às Histórias latino-americanas, que também inclui mostras individuais de Carolina Caycedo, Claudia Alarcón & Silät, Coletivo Acciones de Arte, Damián Ortega, Jesús Soto, La Chola Poblete, Manuel Herreros de Lemos e Mateo Manaure Arilla, Pablo Delano, Rosa Elena Curruchich, Sandra Gamarra Heshiki, Santiago Yahuarcani e Sol Calero,

bem como mostras na Sala de Vídeo de Clara Ianni, Claudia Martínez Garay, Edgar Calel, Oscar Muñoz e Regina José Galindo.

Texto de apresentação em áudio e Libras



2. ESTAMOS EM SALSA

Estar en salsa significa tomar parte de algo comum, feito de ritmo e encontro. O título do núcleo vem da canção homônima de Wayne Gorbea, músico nova-iorquino de

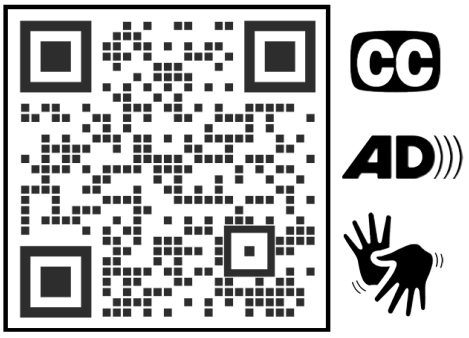
origem porto-riquenha. Formada por matrizes afro-caribenhas e consolidada entre comunidades latinas de Nova York, a *salsa* nasceu de transculturações. Ela oferece, assim, uma imagem para pensar as rotas pelas quais pessoas, mercadorias e repertórios culturais conectam a América Latina a circuitos africanos, europeus e estadunidenses, produzindo, não sem conflitos e contradições, traduções e imagens compartilhadas. As rotas que fizeram circular os sons transportaram também mercadorias: banana, dendê, petróleo e Coca-Cola condensam histórias que ligaram plantações, portos, mercados

e hábitos cotidianos; ao mudarem de lugar, mudaram também de valor, sentido e função. A história da região pode ser lida por meio dos produtos que cruzaram oceanos e transformaram os territórios de onde saíram. Por esses mesmos caminhos passaram migrantes e exilados, que atravessaram fronteiras sob condições muito distintas e produziram identidades marcadas pela negociação entre origem e destino.

Os artistas reunidos aqui se apropriam desses circuitos — da publicidade, das mercadorias, da mídia — para examinar o valor mutável das mercadorias, a experiência de viver entre margens e as

formas populares de invenção cultural. Ao fazê-lo, disputam estereótipos e formulam outras imagens de pertencimento. O prazer é parte constitutiva desse percurso: a festa, a dança e a canção não compensam as desigualdades. São o que se inventa dentro delas.

Texto de núcleo em áudio e Libras



Entrada

Parede verde

1 ENTRE MARGENS

2 Thomas Glassford

3 Edgardo Aragón

4 Alfredo Jaar

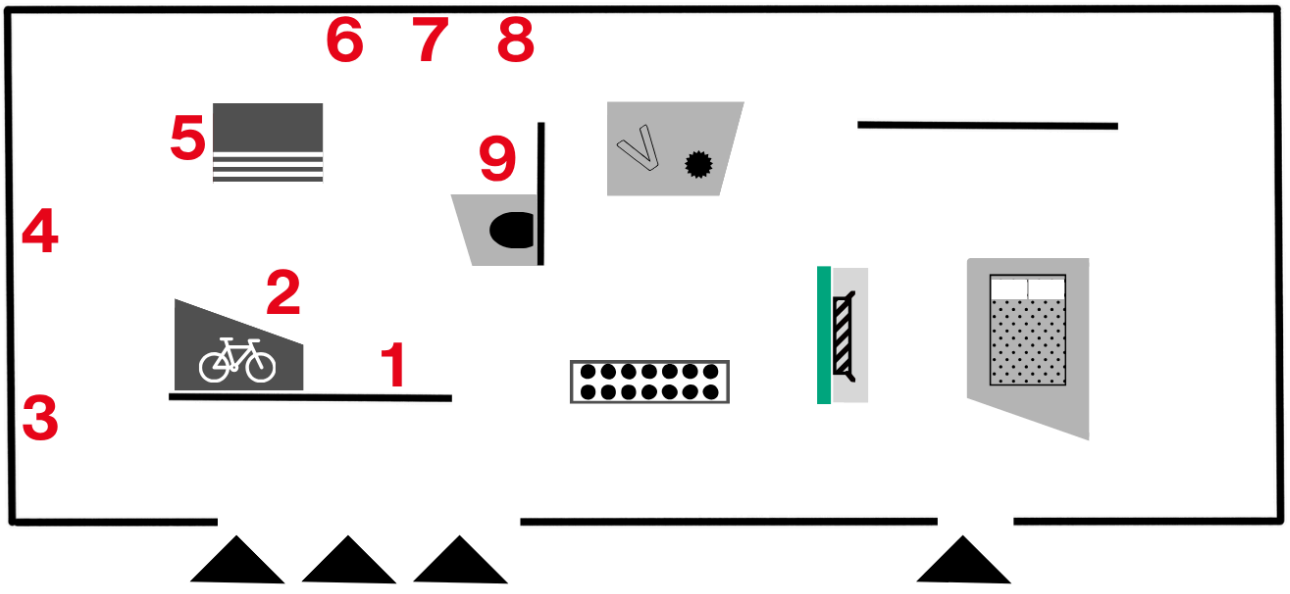
5 Teresa Margolles

6 Anna Maria Maiolino

7 Hiran Maristany

8 Regina Silveira

9 Damián Ortega



1. ENTRE MARGENS

Entre margens direciona a atenção para identidades e sentidos que atravessam — ou não conseguem atravessar — os mesmos circuitos das economias globais formais. A fronteira é uma zona de fricção: lugar onde se decide quem pode circular, quem é detido, quem é nomeado estrangeiro, imigrante, latinx, chicano. Nomeia uma condição vivida que produz exclusão, violência e precariedade, mas também formas específicas de resistência, linguagem e conhecimento forjados a partir de fora.

Os trabalhos desta seção abordam a fronteira como linha geográfica e como regime — cartográfico, linguístico e biopolítico — que organiza quem pode nomear um continente, quem reivindica uma identidade no espaço público
e sob quais condições a própria história de uma pessoa pode ser narrada, em que língua e diante de quem.

2. THOMAS GLASSFORD

Laredo, Estados Unidos, 1963, vive na Cidade do México

Invitation to Portage 3, 1991

Tradução: Convite para transporte 3

Bicicleta, cabaça e avental de açougueiro – Museo Jumex, México

Em *Invitation to Portage 3*, Thomas Glassford reúne uma bicicleta, uma cabaça e um avental de açougueiro, objetos associados ao deslocamento, ao trabalho, aos saberes manuais e à vida cotidiana. A palavra *portage* designa o ato de

transportar, por terra, uma carga ou embarcação entre dois trechos navegáveis. A combinação improvável dos objetos cria um equipamento improvisado, ao mesmo tempo funcional e absurdo, que parece preparado para ser usado.

Nascido em Laredo, cidade estadunidense na fronteira com o México, e radicado na Cidade do México, Glassford também reflete sobre as implicações das fronteiras materiais, culturais, políticas e territoriais.

3. EDGARDO DE ARAGÓN

Ocotlán de Morelos, México, 1985, vive em Oaxaca, México

Absolut World – America –, 2017

Tradução: Mundo absoluto – América –

Tinta e lápis sobre papel – Museo Amparo, Coleção Fundación Amparo, Puebla, México

Absolut World – America – retoma uma campanha publicitária da Absolut Vodka veiculada no México em 2008. O anúncio, acompanhado da frase – In an Absolut World – – Em um mundo absoluto –,

mostrava o território mexicano restituído às dimensões que tinha antes da guerra com os Estados Unidos, quando boa parte do norte do país foi anexada ao território estadunidense. Em 2017, no contexto da retórica do muro defendida pelo presidente Donald Trump, Aragón recupera essa fantasia publicitária como cartografia crítica. A obra articula diferentes temporalidades da violência fronteiriça: a perda territorial no século 19, os fluxos contemporâneos do narcotráfico, o consumo de drogas nos Estados Unidos, a circulação de armas em direção ao México e a militarização da fronteira.

4. ALFREDO JAAR

Santiago, Chile, 1956, vive em Lisboa

A Logo for America, 1987

Tradução: Um Logo para a América

Fotografia analógica preto e branco, impressão digital sobre papel de algodão – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, compra, 2014, MASP.03039

Realizada em 1987 para o painel eletrônico Spectacolor, na Times Square, a obra aparecia entre anúncios comerciais, no centro da paisagem publicitária

estadunidense. A intervenção confrontava o mapa dos Estados Unidos, sua bandeira e a palavra – América –, interrompendo a equivalência naturalizada entre um país e o nome de um continente. Jaar não corrige apenas um erro geográfico, mas expõe uma operação imperial da linguagem: uma nação toma para si uma palavra compartilhada e converte o restante do continente em exterior, periferia ou ausência.

5. TERESA MARGOLLES

Culiacán, México, 1963, vive entre Cidade do México e Madri

Los otros, 2018

Tradução: Os outros

Tecido bordado, 7 auto-falantes, 14 gravações em áudio e folheto impresso – Museo Jumex, México

Descrição da obra em áudio e Libras



6. ANNA MARIA MAIOLINO

Scalea, Itália, 1942, vive em São Paulo

Por um fio, da série *Fotopoemação**, 1976***

Impressão sobre papel – Coleção Verônica Gerchman, São Paulo

Realizada no contexto da série *Fotopoemação*, a fotografia mostra três gerações de mulheres unidas por um fio de macarrão sustentado pela boca: a artista, que migrou da Itália para a Venezuela e depois se radicou no Brasil; sua mãe, Vitalia, italiana; e sua filha, Verônica, brasileira. A obra converte a experiência

migratória em uma relação física entre língua, alimento e filiação. A boca, lugar da fala e da fome, sustenta uma frágil continuidade, ora como transmissão, ora como risco de ruptura: pertence-se “por um fio”.

7. HIRAM MARISTANY

Nova York, 1945 – 2022

The Gathering, 1964/2022

Tradução: O encontro

Impressão sobre papel prata/gelatina –

El Museo del Barrio, compra, Nova York

Realizada em 1964, a fotografia pertence ao arquivo visual que o artista construiu a partir da vida porto-riquenha na região de East Harlem, Nova York, conhecida como *El Barrio* ou Spanish Harlem. Maristany não fotografava a comunidade de fora: ele cresceu ali, conhecia suas retratadas e

tornou-se uma das figuras centrais da documentação *nuyorican*, termo que remete à diáspora porto-riquenha em Nova York. A imagem regista quatro jovens reunidas na escada de um prédio, em uma zona intermediária entre a casa e a rua, a intimidade e o espaço público.

8. REGINA SILVEIRA

Porto Alegre, 1939, vive em São Paulo

Brazil, 2005

Impressão digital em vinil adesivo sobre recortes de EVA – Museu Afro Brasil Emanoel Araujo, São Paulo – Cópia de exibição, cortesia Regina Silveira e Luciana Brito Galeria, São Paulo

A obra retoma a figura de Carmen Miranda – 1909-1955 –, cantora e dançarina nascida em Portugal, criada no Rio de Janeiro e convertida por Hollywood em emblema de

uma latinidade genérica. Miranda levou o samba aos Estados Unidos e voltou acusada de estar americanizada. Sobre seu corpo, marcado pelo turbante de frutas, projetou-se o trópico que o mercado internacional queria consumir. No quebra-cabeça de Silveira, o ícone não volta a formar uma imagem inteira e o título, *Brazil*, em inglês, nomeia justamente aquilo que as peças não recompõem.

9. DAMIÁN ORTEGA

Cidade do México, México, 1967, vive entre a Cidade do México e Berlin

América Letrina, 1997

Tradução: América Latrina

Cerâmica, epóxi plasticina e esmalte –

Museo Universitario Arte Contemporáneo de la Universidad Nacional Autónoma de México, compra com fundos do Patronato Arte Contemporáneo A.C., 2014, Cidade do México

Realizada em 1997, depois da entrada em vigor do Tratado de Livre-Comércio da América do Norte – TLCAN – ou *North*

American Free Trade Agreement – Nafta –, a obra participa de um debate
sobre a posição da América Latina diante das gramáticas neoliberais de integração econômica, dependência e subordinação geopolítica. Ortega retoma a linhagem duchampiana do aparelho sanitário, mas retira dele a neutralidade moderna do *ready-made*. O vaso, além de provocação formal, torna-se canal de escoamento do progresso alheio. O humor é direto, mas não é leve, expondo a maneira como a América Latina foi frequentemente situada como zona inferior na imaginação política do Norte Global.

Descrição da obra em áudio e Libras

Entrada

Parede verde

1 IMPORT-EXPORT

2 Engel Leonardo

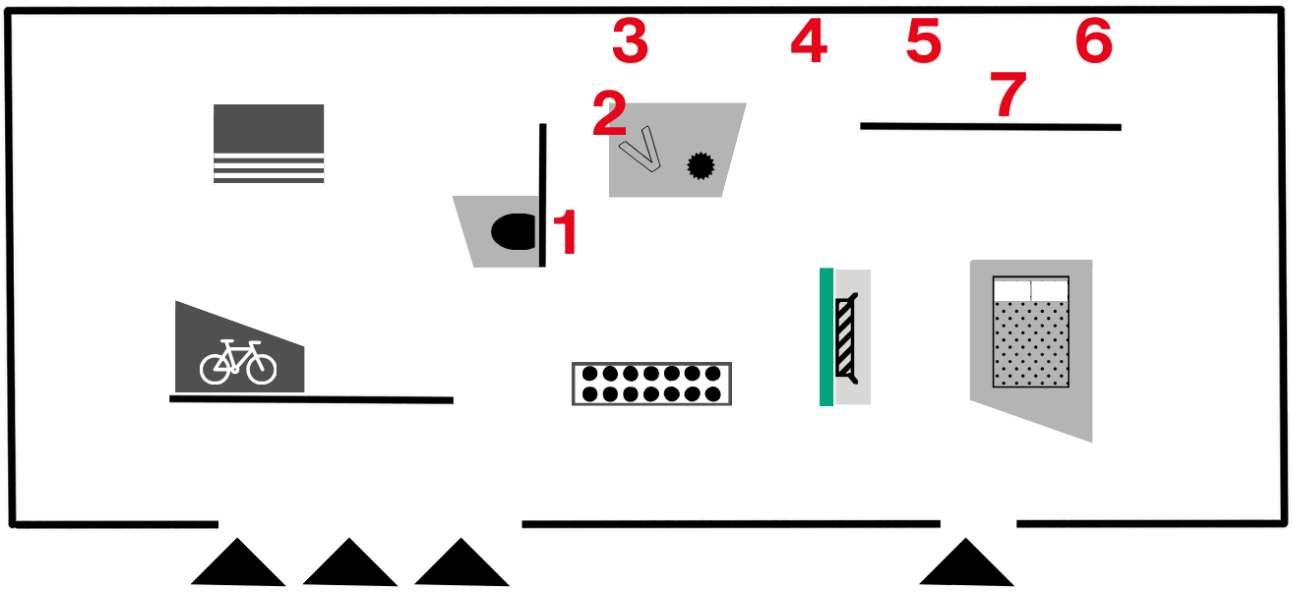
3 Antonio Caro

4 Rivane Neuenschwander

5 Anna Bella Geiger

6 Ayrson Heráclito

7 Maris Bustamante



1. *IMPORT – EXPORT*

Import – Export nomeia uma gramática econômica que raramente pertence aos lugares em que opera — a linguagem das zonas francas, dos regimes aduaneiros e das cadeias globais de abastecimento. O termo marca uma divisão estrutural: alguns territórios foram constituídos como centros de decisão, crédito e acumulação; outros, como zonas de extração, manufatura barata ou descarte. Na América Latina, essa gramática atravessa a história colonial e chega ao presente por meio de monoculturas, mineração, petróleo e matérias-primas cujo valor se realiza em

outro lugar. Os trabalhos desta seção rastreiam essa lógica por meio de mercadorias — açúcar, petróleo, banana, milho e Coca-Cola — cada uma condensando histórias distintas e ao mesmo tempo articuladas de extração, trabalho, consumo e dependência, e cada uma delas reivindicada, redirecionada ou parodiada por artistas que disputam as imagens e os circuitos que as carregam.

2. ENGEL LEONARDO

Bani, República Dominicana, 1977, vive em Santo Domingo, República Dominicana

Plátano Power Bottom, 2024

Esmalte aplicado com compressor sobre garapeira lixada e banana-da-terra verde – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação do artista no contexto da exposição *Histórias LGBTQIA+* 2024, MASP.11558

Em *Plátano Power Bottom*, a banana se insere em uma estrutura de madeira pintada que remete a uma forma construtiva mínima que pode sugerir uma

posição corporal, como uma perna flexionada. A expressão *power bottom* deriva do universo queer e designa a pessoa que ocupa a posição receptiva na relação sexual, mas exerce controle sobre a dinâmica. Nesse contexto, estabelece-se um jogo com a banana-da-terra: alimento cotidiano fundamental para a economia da República Dominicana e, ao mesmo tempo, signo imagético fálico.

3. ANTONIO CARO

Bogotá, 1950 – 2021

Colombia, 1980

Esmalte sobre placa de metal – Museo de Arte Moderno de Bogotá

A Coca-Cola sintetiza elementos do capitalismo estadunidense, como a cor, a tipografia e a presença global. A ampla distribuição do produto é acompanhada pela circulação de sua imagem, que se torna uma espécie de “língua franca” do consumo e um símbolo de uma modernidade importada e, muitas vezes,

imposta. Ao substituir o nome da marca por – Colômbia –, Antonio Caro faz uma paródia da publicidade e força o nome do país a habitar a sintaxe de uma mercadoria global. A operação é ambígua e incômoda: aproxima identidade nacional, marca corporativa e circuitos internacionais de circulação, ao mesmo tempo em que aciona, criticamente, os estigmas associados à Colômbia no imaginário global do narcotráfico.

4. RIVANE NEUENSCHWANDER

Belo Horizonte, 1967, vive em São Paulo

Hidra capitalista – Bandeira –, 2022

Impressão digital sobre tecido de mistura de linho e algodão – Coleção da artista, São Paulo

Na obra, Rivane Neuenschwander transforma a proliferação das marcas em uma hidra. Personagens, palavras e produtos compõem essa criatura de múltiplas cabeças, colorida e monstruosa. A Coca-Cola aparece entre outros signos de consumo como parte de uma ecologia predatória. A hidra nomeia um regime de

multiplicação: cada cabeça cortada produz duas outras. O capitalismo assume, assim, a forma de um animal mutante e voraz que ocupa a imaginação e o desejo. A obra evidencia também a capacidade das imagens produzidas pelo capitalismo de circular entre territórios e se incorporar à vida cotidiana. A bandeira foi inspirada em peças produzidas pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional – EZLN – durante o Festival CompArte, realizado em 2016, em Chiapas, estado mexicano onde o movimento indígena insurgente foi fundado em 1983.

5. ANNA BELLA GEIGER

Rio de Janeiro, 1933, vive no Rio de Janeiro

O pão nosso de cada dia, 1979

Saco de pão e cartões postais em papel kraft – Cortesia da artista e Mendes Wood DM, São Paulo, Bruxelas, Paris, Nova York

O pão nosso de cada dia deriva de uma performance de 1978 na qual os contornos do Brasil e da América Latina foram esculpidos em pão de forma e, depois, mastigados. A obra reúne fotografias transformadas em cartões-postais,

embalados em um saco de papel de pão onde estão impressos o título da obra e o nome da artista. Nela, o alimento figura como mapa, corpo e território mastigado. A referência à oração cristã do título recontextualiza a ideia de sustento diário para uma situação histórica concreta: fome, insegurança alimentar, desigualdade e dependência.

6. AYRSON HERÁCLITO

Macaúbas, Bahia, 1968, vive em Salvador

Black Atlantic, 2013

Tradução: Atlântico Negro

Garrafa de vidro, óleo de dendê, caneta permanente e caixa de acrílico – Coleção particular, São Paulo

Em diálogo com o conceito de Atlântico Negro, formulado pelo sociólogo Paul Gilroy, Ayrson Heráclito recupera um produto central para as conexões históricas entre África e Américas. Extraído do fruto de uma palmeira originária da África Ocidental, o azeite de dendê chegou às

Américas pelas rotas do tráfico de pessoas escravizadas e tornou-se fundamental em práticas alimentares, rituais e religiosas da diáspora africana. Recorrente na obra do artista, o dendê é associado a fluidos vitais, como o sangue, e à permanência dessas práticas em diferentes territórios.

7. MARIS BUSTAMANTE

Cidade do México, 1949, vive na Cidade do México

1 ***Ejercicios labiales****, da série La patente del taco – A patente do tato –**, 1982*

Tradução: Exercícios labiais

2 ***Atrévete a cometer un acto erótico***, *da série La patente del taco – A patente do taco –**, 1979*

Tradução: Atreva-se a cometer um ato erótico

3 ***Manifiesto de reconocimiento al taco***, da série *La patente del taco* – A patente do taco –***, 1979***
Tradução: Manifesto de reconhecimento do taco

4 – 13 ***Solicitud de registro de obra para la patente del taco,1979***
Tradução: Solicitação de registro de obra para a patente do taco

Fotocópia – Museo Universitario Arte Contemporáneo de la Universidad Nacional Autónoma de México, Fondo No-Grupo, Centro de Documentación Arkheia MUAC, Cidade do México

Na série *La patente del taco*, Maris Bustamante propõe o reconhecimento e a patente do taco, uma *tortilla* de milho nixtamalizado dobrada em torno de um recheio. Por meio de manifestos, formulários, exercícios corporais e declarações de caráter performático, a artista parodia linguagens burocráticas e institucionais para questionar as formas de registo e definição da identidade cultural. O taco também é associado ao corpo e ao erotismo, em jogos que aproximam alimento, boca, desejo e sexualidade. Ao tratar desse elemento do cotidiano como invenção registrável,

Bustamante expõe o absurdo de submeter um conhecimento alimentar disseminado, transmitido pelo uso e sem autor individual, à linguagem do documento, da autoria e da propriedade.

Entrada

Parede verde

1 TODOS OS RITMOS

2 Ana Segovia

3 Nao Bustamante

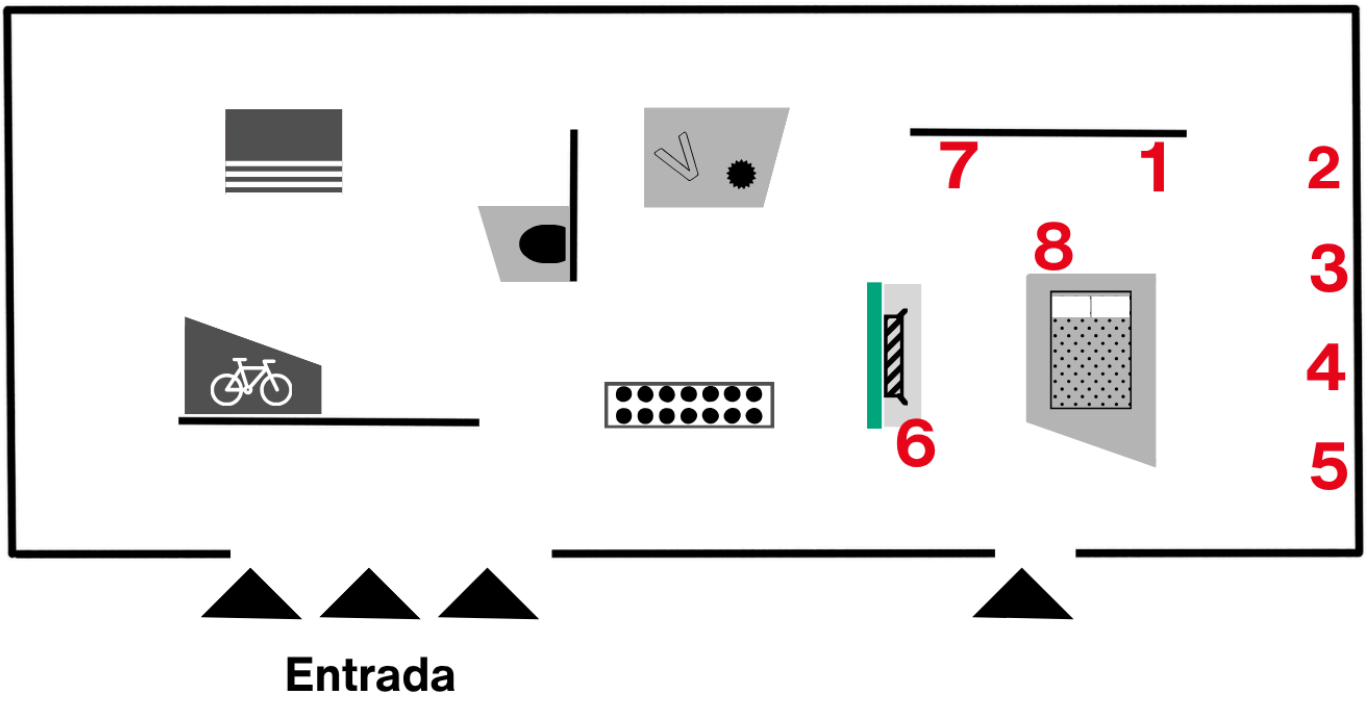
4 Guillermo, Adriene, Roberto

5 María de la Paz Jaramillo

6 Raphael Montañez Ortiz

7 Rubén Ortiz Torres

8 Pepón Osorio



1. TODOS OS RITMOS

Esta seção reúne trabalhos que tratam das culturas latino-americanas como campo de montagem, teatralidade e tradução — atravessado por festas, danças, rituais, televisão, rua, performance e humor.
O que os conecta é menos um tema compartilhado do que um método comum: apropriação, paródia e excesso como ferramentas críticas. A cultura popular aqui não é nem inocente nem meramente entretenimento; é um lugar onde memória colonial, pertencimento diaspórico, sobrevivência urbana e contestação política convergem e às vezes colidem. Estética

carnavalesca, acumulação *kitsch*, reencenação paródica e iconografia festiva são mobilizadas para desmontar narrativas oficiais, reivindicar histórias apagadas e negociar identidade em condições de deslocamento e precariedade.

2. ANA SEGOVIA

Cidade do México, 1991, vive na Cidade do México

Noche Americana II, 2023

Tradução: Noite americana II

Óleo sobre tela – Coleção Rocío e Boris Hirmas, Cidade do México

Ana Segovia reencena imagens provenientes da cultura visual mexicana, especialmente do cinema da chamada Época de Ouro e da cultura cowboy.
O título da obra alude à *noche americana*, técnica utilizada no cinema para criar a

aparência de uma cena noturna a partir de uma filmagem realizada durante o dia. Chapéus, botas, corpos agachados e poses de vigilância remetem a imaginários de virilidade, conquista territorial e domínio masculino do espaço. Segovia, porém, desestabiliza esse repertório por meio da cor, da artificialidade e da ambiguidade da cena, carregada de desejo.

3. NAO BUSTAMANTE

Pitsburgo, Estados Unidos, 1969, vive em Los Angeles

America the Beautiful, "Globalization, Migration and the Public Sphere – Encuentro", 2008–22

Tradução: América, a Bela, – Encontro: Globalização, migração e esfera pública

C-print montado em acrílico – El Museo del Barrio, aquisição através do – PROARTISTA: Sustaining the Work of Living Contemporary Artists – , Jacques and Natasha Gelman Trust e doação da artista, Nova York

Na obra, Nao Bustamante parte de uma canção patriótica estadunidense *America the Beautiful,* associada a uma visão idealizada da paisagem e da identidade nacional para tensionar esse imaginário. O trabalho deriva de uma performance apresentada no encontro *Globalization, Migration and the Public Sphere*, realizado em Lima, em 2002. Em plano fechado, Bustamante surge de peruca loira, maquiagem carregada e expressão distorcida, tensionando a figura da mulher branca como signo de pureza, patriotismo e espetáculo. A imagem idealizada dos Estados Unidos evocada pela canção entra em confronto com um corpo que não

corresponde aos modelos de branquitude, feminilidade e patriotismo mobilizados pela performance.

4. GUILLERMO GÓMEZ-PEÑA, ADRIENE JENIK, ROBERTO SIFUENTES

Cidade do México, 1955, vive entre São Francisco, Estados Unidos e Cidade do México

Nova York, 1985, vive em Vancouver, Canadá

Los Angeles, 1967, vive em Nova York

El Naftazteca: Cyber-Aztec TV for 2000 A.D., 1995

Tradução: O Naftazteca: TV Cyber-Asteca para o ano 2000 d.C.

Vídeo, cor, som, 58’ – Video Data Bank, School of the Art Institute of Chicago

El Naftazteca: Cyber-Aztec TV for 2000 A.D. reúne performance, vídeo, ficção científica e crítica política para imaginar um futuro indígena e *chicano*. O título combina – NAFTA –, tratado de livre comércio entre México, Estados Unidos e Canadá, e – asteca –, criando uma identidade híbrida crítica que atravessa fronteiras nacionais e temporais. Realizada pouco depois da entrada em vigor do acordo, a obra articula referências à cultura asteca, à tecnologia e à televisão para questionar as narrativas de progresso e modernidade associadas à integração econômica da América do Norte. Ao inventar uma mídia do futuro a

partir de uma perspectiva indígena e transfronteiriça, os artistas propõem outros imaginários tecnológicos, distintos dos modelos dominantes.

5. MARÍA DE LA PAZ JARAMILLO

Manizales, Colômbia, 1948, vive em Bogotá

Tu amor no me conviene, 1978

Tradução: Seu amor não me convém

Serigrafia sobre papel – Coleção Mercedes Salazar, Bogotá

Tu amor no me conviene apresenta uma cena de dança e sociabilidade noturna, com corpos próximos, maquiagem intensa, roupas coloridas em uma atmosfera de sedução. Jaramillo aproxima a cultura popular urbana – bares, bailes, canções sentimentais, gestos de conquista e

de recusa – de uma linguagem gráfica direta, construída por fortes campos cromáticos e teatralidade. O título, *Teu amor não me convém*, remete ao repertório de *boleros*, *salsas* e outras canções de desamor amplamente difundidas na América Latina. Essa frase inscreve a cena em um universo reconhecível no qual desejo, orgulho, abandono e exposição pública das emoções andam juntos.

6. RAPHAEL MONTAÑEZ ORTIZ

Nova York, 1934, vive em Nova York

The Memorial to the Sadistic Holocaust Destruction of Millions of Our Ancient Arawak-Taino-Latinx Ancestors Begun in 1492 by Columbus and His Mission to, With the Conquistadores, Colonize and Deliver to Spain the Wealth of the New World No Matter the Human Cost to the New World's Less Than Human Aborigine Inhabitants…, 2019-20

Tradução: O memorial à destruição sádica do holocausto de milhões de nossos ancestrais arawak-taino-latinx, iniciada em

1492 por Colombo e sua missão de, com os conquistadores, colonizar e entregar à Espanha as riquezas do Novo Mundo, não importando o custo humano para os habitantes aborígenes do Novo Mundo, considerados menos que humanos…
Técnica mista – El Museo del Barrio, doação do artista, Nova York

Na obra, Raphael Montañez Ortiz transforma o excessivo em método de denúncia. O título longuíssimo recusa a neutralidade histórica e nomeia diretamente a violência iniciada em 1492 contra os povos Arawak e Taíno. Sua obra adquire

um aspecto memorial, carregado de imagens, objetos e estruturas devocionais. A composição densa – um quase-altar – confronta a narrativa que celebra a chamada “conquista” e reivindica a memória indígena caribenha, frequentemente apagada. Ortiz não trata 1492 como origem heroica do “Novo Mundo”, mas como início da destruição que se mantém ativa nas formas contemporâneas do esquecimento.

7. RUBÉN ORTIZ TORREZ

Cidade do México, 1964, vive em Los Angeles

1 ***California Taco, Santa Barbara, CA, 1995***

Tradução: Taco de Califórnia, Santa Bárbara, CA

2 ***McArthur Park Street Vendors – Gringostroika –, 1992***

Tradução: Vendedores de rua do McArthur Park – Gringostroika –

3 ***500 Years After – 500 Años después, Valencia, CA, 1992***

Tradução: 500 anos depois, Valencia, CA

4 ***Mission Revival (Colonial Californiano), circa 1994***

Tradução: Estilo missionário – colonial californiano

Fotografia analógica colorida, ampliação sobre papel – Coleção do artista, Los Angeles

As fotografias de Rubén Ortiz Torres registam a presença mexicana e latino-americana na paisagem da Califórnia e mostram como diferentes formas culturais se sobrepõem nesse território. Esse conjunto mostra uma cultura feita de colagem e justaposição de

signos, comércio, paródia e performance, na qual missionários, vendedores, tacos, – conquistadores – e figuras indígenas circulam como signos instáveis de pertencimento e memória colonial. Os títulos reforçam essas tensões: *Mission Revival – Colonial Californiano* – fricciona a memória romantizada das missões espanholas na região, enquanto *500 Years After – 500 Años Después* transforma a – conquista – europeia em teatralidade kitsch. Em *California Taco, Santa Barbara, CA*, a comida mexicana se torna um espetáculo público, e *McArthur Park Street Vendors – Gringostroika –* transforma a economia migrante em uma paisagem urbana.

8. PEPÓN OSORIO

La Cama, 1987

Tradução: A cama

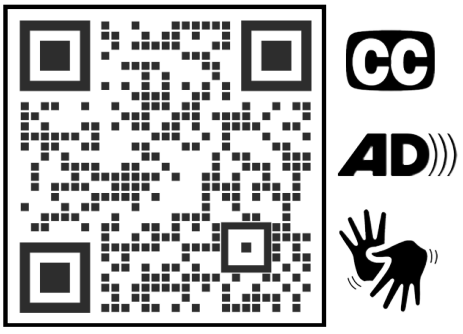
Técnica mista – El Museo del Barrio,

compra The Ford Foundation, Nova York

La cama é uma instalação cujo elemento central é uma cama de quatro colunas coberta por renda, objetos devocionais, bonecos, fotografias, animais de plástico, ornamentos e caixas de música. Depois da morte de Juana Hernández, considerada pelo artista sua – segunda mãe –, em 1982, Osorio construiu para ela uma cama supostamente – impossível –: excessiva,

brilhante, acumulativa, marcada por uma opulência que contrasta com a vida difícil e solitária de Juana, transformando-se, assim, em memorial, altar e retrato indireto de uma vida marcada pelo trabalho de cuidado e pela invisibilidade social. Na obra, objetos e ambientes familiares também ganham dimensão social e política, aproximando a experiência privada das histórias coletivas de comunidades latino-caribenhas nos Estados Unidos.

Descrição da obra em áudio e Libras



LISTA DE ARTISTAS EM ORDEM ALFABÉTICA

ALFREDO JAAR

A Logo for America, 1987

Tradução: Um Logo para a América

Fotografia analógica preto e branco, impressão digital sobre papel de algodão – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, compra, 2014, MASP.03039

ANA SEGOVIA

Noche Americana II, 2023

Tradução: Noite americana II

Óleo sobre tela – Coleção Rocío e Boris Hirmas, Cidade do México

ANNA BELLA GEIGER

O pão nosso de cada dia, 1979

Saco de pão e cartões postais em papel kraft – Cortesia da artista e Mendes Wood DM, São Paulo, Bruxelas, Paris, Nova York

ANNA MARIA MAIOLINO

Por um fio, da série Fotopoemação, 1976

Impressão sobre papel – Coleção Verônica Gerchman, São Paulo

ANTONIO CARO

Colombia, 1980

Esmalte sobre placa de metal – Museo de Arte Moderno de Bogotá

AYRSON HERÁCLITO

Black Atlantic, 2013

Tradução: Atlântico Negro

Garrafa de vidro, óleo de dendê, caneta permanente e caixa de acrílico – Coleção particular, São Paulo

CALIMOCHO STYLES: RUBÉN ORTIZ TORRES & EDUARDO ABAROA

Maíz transgénico – elotes –, 2002

Tradução: Milho transgênico – elotes –

Acrílica sobre resina acrílica – Museo Jumex, México

CARLOS GARAICOA

Toda utopía pasa por la barriga, 2008-25

Tradução: Toda utopia passa pela barriga

Vidro, madeira, acrílico, PVC, elementos comestíveis, carvão e pedras – Cortesia do artista, Almeida & Dale, São Paulo, e Galleria Continua, San Gimignano, Pequim, Les Moulins, Havana, Roma, São Paulo, Paris

CARLOS JESÚS MARTÍNEZ DOMÍNGUEZ – FEEGZ

Antillano soy, 2011

Tradução: Antilhano sou

Esmalte e tinta sobre placa de sinalização de trânsito – El Museo del Barrio, doação do artista, Nova York

CILDO MEIRELES

Inserções em circuitos ideológicos:

Projeto Coca-Cola, 1970

Garrafas de Coca-Cola, decalque em silk screen – Coleção Luisa Strina, São Paulo

DAMIÁN ORTEGA

América Letrina, 1997

Tradução: América Latrina

Cerâmica, epóxi plasticina e esmalte – Museo Universitario Arte Contemporáneo de la Universidad Nacional Autónoma de México, compra com fundos do Patronato Arte Contemporáneo A.C., 2014, Cidade do México

EDGARDO ARAGÓN

Absolut World (America), 2017

Tradução: Mundo absoluto (América)

Tinta e lápis sobre papel – Museo Amparo, Coleção Fundación Amparo, Puebla, México

ENGEL LEONARDO

Plátano Power Bottom, 2024

Esmalte aplicado com compressor sobre garapeira lixada e banana-da-terra verde – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação do artista no contexto da exposição Histórias LGBTQIA+, 2024, MASP.11558

ETHEL SHIPTON

Change – Cambio, 2020

Tradução: Troca – Câmbio

Tinta sobre painel de madeira – El Museo del Barrio, doação da artista e Ruiz-Healy Art, San Antonio, TX & NYC, 2021, Nova York

GUILLERMO GÓMEZ-PEÑA, ADRIENE JENIK, ROBERTO SIFUENTES

El Naftazteca: Cyber-Aztec TV for 2000 A.D., 1995

Tradução: O Naftazteca: TV Cyber-Asteca para o ano 2000 d.C.

Vídeo, cor, som, 58’ – Video Data Bank, School of the Art Institute of Chicago

HIRAM MARISTANY

The Gathering, 1964/2022

Tradução: O encontro

Impressão sobre papel prata/gelatina – El Museo del Barrio, compra, Nova York

JORGE CARABALLO & CLEMENTE PADÍN

Signals, circa 1977

Tradução: Sinais

Folheto – Coleção Boglione Torello, Montevidéu

LENORA DE BARROS

Procuro-me, 2006

Impressão sobre papel de algodão – Coleção da artista, cortesia da Gomide&Co, São Paulo

MARÍA DE LA PAZ JARAMILLO

Tu amor no me conviene, 1978

Tradução: Seu amor não me convém

Serigrafia sobre papel – Coleção Mercedes Salazar, Bogotá

MARIS BUSTAMANTE

1 Ejercicios labiales, da série La patente del taco, 1982

Tradução: Exercícios labiais

2 Atrévete a cometer un acto erótico, da série La patente del taco, 1979

Tradução: Atreva-se a cometer um ato erótico

3 Manifiesto de reconocimiento al taco, da série La patente del taco, 1979

Tradução: Manifiesto de reconhecimento do taco

4-13 Solicitud de registro de obra para la patente del taco, 1979

Tradução: Solicitação de registro de obra para a patente do taco

Fotocópia – Museo Universitario Arte

Contemporáneo de la Universidad Nacional Autónoma de México, Fondo No-Grupo, Centro de Documentación Arkheia MUAC, Cidade do México

MINERVA CUEVAS

Understorm, 2022

Tradução: Tempestade subterrânea

Piche sobre pintura de autoria desconhecida – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, doação Fernanda Feitosa e Heitor Martins, 2024, MASP.11588

NAO BUSTAMANTE

America the Beautiful, "Globalization, Migration and the Public Sphere – Encuentro", 2008/22

Tradução: América, a Bela, "Encontro: globalização, migração e a esfera pública"

C-print montado em acrílico – El Museo del Barrio, aquisição através do "PROARTISTA: Sustaining the Work of Living Contemporary Artists", Jacques and Natasha Gelman Trust e doação da artista, Nova York

PABLO LÉON DE LA BARRA

Novo Museo Tropical, Version 3.0, 2026

Impressão digital sobre papel – Coleção particular, Rio de Janeiro

PAULO NAZARETH

Sem título, da série Notícias de América, 2011-12

Impressão fotográfica em papel de algodão – Cortesia do artista e Mendes Wood DM, São Paulo, Paris, Bruxelas, Nova York

PEPÓN OSORIO

La Cama, 1987

Técnica mista – El Museo del Barrio, compra The Ford Foundation, Nova York

RAPHAEL MONTAÑEZ ORTIZ

The Memorial to the Sadistic Holocaust Destruction of Millions of Our Ancient Arawak-Taino-Latinx Ancestors Begun in 1492 by Columbus and His Mission to, With the Conquistadores, Colonize and Deliver to Spain the Wealth of the New World No Matter the Human Cost to the New World's Less Than Human Aborigine Inhabitants…, 2019-20

Tradução: O memorial à destruição sádica do holocausto de milhões de nossos ancestrais arawak-taino-latinx, iniciada em 1492 por Colombo e sua missão de, com os conquistadores, colonizar e entregar à Espanha as riquezas do Novo Mundo, não

importando o custo humano para os habitantes aborígenes do Novo Mundo, considerados menos que humanos…
Técnica mista – El Museo del Barrio, doação do artista, Nova York

REGINA SILVEIRA

Brazil, 2005

Impressão digital em vinil adesivo sobre recortes de EVA – Museu Afro Brasil Emanoel Araujo, São Paulo – Cópia de exibição, cortesia Regina Silveira e Luciana Brito Galeria, São Paulo

RENATA LUCAS

Urania – capítulo 1: A caixa que chegou pelo correio, 2024

Prisma e caixa de MDF serigrafada – Cortesia da artista e Galeria Luisa Strina, São Paulo

RIVANE NEUENSCHWANDER

Hidra capitalista – Bandeira –, 2022

Impressão digital sobre tecido de mistura de linho e algodão – Coleção da artista, São Paulo

RUBÉN ORTIZ TORRES

California Taco, Santa Barbara, CA, 1995

Tradução: Taco de Califórnia, Santa Bárbara, CA

McArthur Park Street Vendors (Gringostroika), 1992

Tradução: Vendedores de rua do McArthur Park (Gringostroika)

500 Years After – 500 Años después, Valencia, CA, 1992

Tradução: 500 anos depois, Valencia, CA

Mission Revival – Colonial Californiano –, circa 1994

Tradução: Estilo missionário – colonial californiano –

Fotografia analógica colorida, ampliação sobre papel – Coleção do artista, Los Angeles

TERESA MARGOLLES

Los otros, 2018

Tecido bordado, 7 auto-falantes, 14 gravações em áudio e folheto impresso – Museo Jumex, México

THOMAS GLASSFORD

Invitation to Portage 3, 1991

Tradução: Convite para transporte 3

Bicicleta, cabaça e avental de açougueiro – Museo Jumex, México